

MERGULHO NETNOGRÁFICO NAS NARRATIVAS EXISTENCIAIS DA PESSOA SURDA: DIALOGIAS, REFLEXÕES E INTERPRETAÇÕES A PARTIR DAS IMAGENS FENÔMENO

Netnographic plunge into deaf people existential narratives: dialogues, reflections and interpretations risen from the phenomena images

Silvia Carla Marques Costaⁱ
silvia3unifap@gmail.com

Welliton Quaresma de Limaⁱⁱ
wellitomquaresma@gmail.com

Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Macapá - Brasil

Resumo

O presente artigo constitui-se de recortes de viagens investigativas realizadas no campo dos estudos da Cultura, Identidade e Linguagem. O método utilizado para construção dos dados foi a Netnografia, através da qual encontrou-se rotas para navegar pelos vastos e profundamente complexos mares das redes sociais de algumas pessoas surdas, a fim de buscar compreender os processos de socialidades e constituição das subjetividades desses sujeitos e suas culturas. Partiu-se da compreensão das potencialidades das imagens para construção de conversações, reflexões e interpretações das realidades das vivências surdas. As imagens foram entendidas aqui não como mero suporte pictórico para apreciação, mas como fenômenos polissêmicos participantes dos processos de construção de sentidos sociais e das identidades.

Palavras-chave: Netnografia; Pessoa surda; Imagem; Cultura; Identidade.

Abstract

This article consists of clippings of investigative trips carried out in the field of Culture, Identity and Language studies. The method used to construct the data was Netnography, in which, routes to navigate the vast and deeply complex seas of some people's social networks were found. In order to seek a comprehension about the processes of sociality and the constitution of the subjectivities of these subjects and their cultures. It started with the understanding of the potentialities of images to build conversations, reflections and interpretations of the realities of deaf people's experiences. The images were understood here not as a mere pictorial support for appreciation, but as polysemic phenomena participating in the processes of construction of social meanings and identities.

Keywords: Netnography; Deaf People; Images, Culture; Identity.

Breves recortes de viagens investigativas

O presente artigo constitui-se de recortes investigações realizadas no Curso de Especialização em Estudos Culturais e Políticas Públicas (PCULT), ofertado pela Universidade Federal do Amapá, seguindo a linha de pesquisa Cultura, Identidade e Linguagem, na qual encontramos rotas para navegar pelos vastos e profundamente complexos mares das socialidades e subjetividades dos sujeitos. Para tanto nos damos ao ver, pensar e sentir narrativas existenciais a partir das imagens, tendo como colaboradores para este exercício sujeitos que são constituídos de uma diferença a qual somos insaciavelmente curiosos e interessados em compreender, os sujeitos surdos.

Sendo os dois pesquisadores ouvintes, adiantamo-nos a esclarecer as possíveis interrogações dos motivos de nosso interesse por este tema de pesquisa. Até mesmo para explicar a escolha metodológica e definição do objeto e campo, acredito ser necessário compartilhar brevemente alguns relatos pessoais que foram propulsores para o desejo de desenvolvimento desta exploração e reflexões que dela sucedem.

Esta narrativa é marcada por vivências acadêmicas entre 2013 e 2017, quando no curso de graduação em Artes Visuais na Universidade Federal do Amapá a presença de um colega suscitou interesse por conhecer e nos envolver com as idiossincrasias destes que experimentam o mundo primariamente pelo sentido da visão.

O desejo de conhecer com mais profundidade o universo surdo se sobressaltou pelo fato de que, naquele contexto de inclusão, nem os demais colegas de turma e nem os professores tinham conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, ficando a cargo apenas do intérprete, que a universidade demorou a encaminhar para o acompanhá-lo, viabilizar o processo de troca de conhecimentos e informações com o colega surdo.

Neste processo de inclusão deficitário, percebemos que alternativas foram sendo construídas para que o referido aluno surdo pudesse socializar com os demais

integrantes da turma. Esse trâmite acontecia por meio de troca de mensagens de textos, imagens, vídeos, compartilhados por meio dos aparelhos celulares.

Tocados pelas questões observadas nas vivências diárias na academia, saltou-nos aos olhos esta facilitação dos diálogos e interações por meio das redes virtuais de comunicação compartilhadas pela turma, pelas quais conseguíamos manter maior interação com o colega surdo em questão, por meio de imagens, vídeos e textos.

A aproximação com o supracitado colega surdo conduziu-nos ao desenvolvimento do tema de Trabalho de Conclusão de Curso, no qual desenvolvemos juntos uma pesquisa de campo construída a partir de narrativas visuais e reflexões acerca das redes de comunicação dos surdos no contexto escolar.

Na ocasião, estudamos por alguns meses dos anos de 2016 e 2017, as vivências de um grupo de 12 alunos surdos estudantes do ensino médio de uma escola da capital Macapá. No decorrer das observações dos trânsitos destes alunos pelos espaços da escola, atentamos para a reprodução de questões similares às vivenciadas por nós na academia, bem como o forte envolvimento das tecnologias na mediação de troca das informações entre os alunos.

A partir deste fato tecemos reflexões pertinentes aos processos de construção de diálogo e relações sociais, onde as línguas maternas de ambos, surdos e ouvintes, eram colocadas em segundo plano, e as imagens assumem papel singular na construção das socialidades. Naquele contexto a apropriação das imagens pelos surdos, diante das barreiras linguísticas, contribuiu para refletirmos os deslocamentos dos sujeitos para além das limitações comunicacionais da língua.

Notamos que as imagens compartilhadas nas redes virtuais proporcionam a construção de pontes por onde surdos e ouvintes podiam atravessar. Por meio das imagens as barreiras dos códigos das línguas eram aparentemente superadas e transpassadas pela construção de outros sentidos, outras relações com o mundo. No entanto, estas imagens não serviam apenas para ilustrar, percebemos que elas comunicavam ecos das subjetividades e revelavam nuances das feições das identidades dos sujeitos.

Tendo vivenciado estas experiências e tecido algumas reflexões, análises e considerações, chegamos neste estudo que apresenta breves recortes de reflexões a partir das experiências visuais e da produção de imagens por perceber nelas grande potencialidade reflexiva e interpretativa das narrativas existenciais surdas.

Por isso, a escolha de rumar o trabalho pelo viés da pesquisa qualitativa se faz por conta de sua ampla possibilidade investigativa das subjetividades dos sujeitos, na qual nos embasamos para pensar os trânsitos dos interlocutores como construtores autônomos de experiências existenciais/visuais projetadas nas redes de socialidade/sociabilidadeⁱⁱⁱ virtual. Entendendo que estes sujeitos se apropriam como principal via de acesso ao mundo, as imagens, pelas quais constroem-se enquanto ser social historicamente situado.

Para tanto apropriamo-nos das possibilidades metodológicas da Netnografia, tendo como grande aliado nesta investigação virtual o aparelho celular, que devido a sua fácil mobilidade, múltiplas funcionalidades, possibilitadores de encontros, se torna, “em certa medida, um novo instrumento que é adicionado à caixa de ferramentas do investigador” (LA ROCCA, 2014, p. 120). Sobre isso, o mesmo também comenta:

A conectividade tecnológica será um sintoma da construção das identidades sociais e o fluxo de imagens, um entrelaçamento dinâmico para referir-se a diversos territórios existenciais do mundo social e também ao habitat digital que é a tela. Um habitat como espaço eco-simbólico, onde a produção de imagens dá nascimento a um museu imaginário que evoca lugares, territórios, momentos da vida cotidiana e cria memórias e emoções. (p. 123)

Embebido nesta percepção da forte conectividade tecnológica na contemporaneidade, escolhemos enveredar pelos caminhos do netnógrafos, pois esta metodologia mostrou-se como potente ferramenta investigativa para um mergulho observacional e interpretativo das subjetivas realidades que se constituem nos novos territórios existenciais do mundo social digital que “transformou radicalmente as ideias das pessoas sobre com quem, quando, como, com que frequência e até por que elas podiam se comunicar.” (KOZINETTS, 2014, p. 69).

O aporte teórico investido para interpretação das realidades observadas transitou pelos Estudos Culturais, Estudos Surdos, Cultura Visual, Pós-colonialismo, a fim de lançar mão de prismas que proporcionaram o vislumbra dos espectros das múltiplas cores que compõem as redes de sentido existencial/identitário de indivíduos subalternizados ao longo da história.

Assim, nos envolvemos nas tramas virtuais de comunicação das redes sociais Facebook e Instagram, observando as narrativas forjadas nos emaranhados de informações, imagens, vídeos, textos, links, que deslizam autônoma e freneticamente nas redes de interação virtual, transpondo barreiras comunicacionais através da apropriação polissêmica de imagens.

A partir das interlocuções com as imagens, buscamos compreender as realidades de corpos que explicitam em suas ações virtuais a não existência de essencialidade surda e lutam pela desconstrução de narrativas estigmáticas impostas historicamente por uma concepção patológica que os imputa a marca de deficientes.

Em tempos onde as estruturas das identidades são compreendidas como constructos sociais fluidos, hibridizadas, entrecruzadas por diversas culturas do globo terrestre, abre-se caminhos para o surgimento de diversas outras manifestações identitárias e potencialmente outras formas flexíveis de compreensão e interpretação dos universos surdos.

Intentou-se problematizar aqui como o consumo e produção de imagens participam no forjamento identitário de sujeitos da experiência visual^{iv}. Desnaturalizando saberes, poderes, essencialidades que envolvem as representações das formas de ser sujeito surdo no cenário atual.

Entendemos que as redes se constituem como espaços de possibilidades para os estabelecimentos de conexões, relações, interações, comunicações flexíveis, abrindo janelas^v para o acesso às cenas das subjetividades, existencialidades quotidianas, saberes dos sujeitos por meio de imagens criadas pelos próprios navegantes.

Entendendo as identidades pela via socioantropológica, como não essenciais, fixas, mas como campo de constante disputa de poder, como fenômenos sociais.

Problematizamos quais os padrões de comportamento, novas referências identitárias, transmutações que emergem nos campos virtuais, como afetam o panorama de constantes transformações, em especial nas redes de sentidos dos sujeitos surdos?

Destacam-se questões pertinentes aos estudos do universo surdo fazendo conexões com os Estudos Culturais. Resgatamos vivências estigmáticas históricas, sociais e culturais imputadas aos surdos por um pensamento ouvintista pautado num discurso clínico que reverbera até os dias atuais nas formas como são construídas as visualidades sobre os sujeitos da experiência visual.

As imagens selecionadas nos ajudaram a repensar as construções de visualidades que estava acostumado sobre os surdos. Nos damos permissão poética, das quais os artistas, etnógrafos, netnógrafos se apropriam, para nomear as imagens e delas fazer as categorias de análises para discutir a imagem.

As categorias analíticas oriundas da compreensão das imagens são para nós suas referências identitárias e da produção de sentidos. Não intentou-se com essas interpretações apontar verdades, nem enquadrar o que seja a identidade de outrem, tão somente compartilhar algumas compreensões a partir de alguns eixos reflexivos, nos quais evidenciou-se algumas categorias de análise percebidas nas interlocuções das imagens, construindo bricolagens com nossas interpretações e contribuições dos autores dos textos lidos.

Entre o visível e o invisível das imagens: considerações dos horizontes possíveis das formas de ser surdo

A ideia de comunicação de sentidos existenciais por meio das imagens, para nós é um campo pulsante, plural, cheio de possibilidades de movimentos e reflexões, por isso empreendemos pesquisa-lo buscando por novos horizontes reflexivos das formas possíveis de dialogias imagéticas dos deslocamentos e transformações das compreensões do ser surdo nos dias atuais. As imagens apresentam-se como expressão de comunicação do invisível, das subjetividades, a partir de bricolagens simbólicas que transpassam as redes de sentidos construídos na experimentação da vida.

Assim, dentro da realidade de um mundo hiperconectado, e dos tsunamis de imagens produzidas e compartilhadas pelos sujeitos, optados por através de um mergulho netnográfico, nos apropriarmos das possibilidades da observação do campo dos ambientes virtuais das redes sociais Facebook e Instagram de sete sujeitos surdos.

No que concerne às imagens compartilhadas neste escrito, saliento que todas foram coletadas nas redes sociais dos sujeitos colaboradores, com o consentimento dos mesmos. Elas não possuem a função de dar suporte ao texto, mas é com/a partir delas que penso, entendendo-as como “práticas sociais e não como mera ilustração das mesmas” (PEGORARO, 2011, p. 48).

Bem como nos meandros das redes sociais, os arranjos visuais costurados neste ponto reflexivo não seguem uma linha cronológica das observações, nem foram previamente organizadas para produzir narrativas engessadas, elas falam por si mesmas e podem gerar diversas outras problematizações. Assim, apresentamos alguns recortes de considerações que nos inundaram de acordo com o transcorrer das observações e no embalo do fluxo das reflexões das leituras feitas.

Nos escritos que se seguem, não intentamos apresentar os colaboradores desta pesquisa como uma norma, modelo ou uma cópia de como é/deve ser experimentada a vida de um surdo, nem tampouco determinar, categorizar, enquadrar ou delimitar as potencialidades existenciais de seus corpos e existências. Falamos de encontros com pessoas, com a vivência surda, as experiências visuais e as tensões que surgem nas tramas sociais de produção identitária, resistências e enfrentamentos das amarras e das verdades que amordaçam e invisibilizam corpos surdos. Nas palavras de Rodrigues (2016):

Vidas mapeadas pelo singular, pelo heterogêneo, não por homogeneidade, categorias ou igualdade. Sujeitos que se movimentam, mãos que não param, sujeitos que experimentam a vida na sua singularidade. Sujeitos surdos que andam pelas ruas, pairando sobre olhares que procuram enquadrá-los, mas querem escapar às categorizações. Sujeitos que são forças, que não buscam uma forma para viver, que criam, que torcem, que se distorcem em gestos, ruídos, acenos, expressões faciais; que não negam, mas afirmam suas singularidades. (p. 33)

Esses interlocutores, sujeitos singulares inventores de si mesmos e de suas teias de significações, costuram suas próprias narrativas em suas práticas cotidianas. De forma autônoma vão desconstruindo estruturas de dominação, transformando visualidades, forjando identidades, transvertendo sentidos e conceitos.

No processo de conversação com as imagens, nos demos permissão poética, das quais os artistas, etnógrafos, netnógrafos se apropriam, para nomear as imagens e delas fazer as categorias de análises para discutir a imagem. Sobre o processo de análises dos dados produzidos em uma pesquisa netnográfica, Kozinets (2014, p. 114), apresenta este processo como uma metáfora de refinamento dos dados produzidos no campo:

Como na metáfora frequentemente ensinada nos seminários de pós-graduação, os dados são como um material mineral bruto, próximo do nível sensorio da experiência e da observação, que deve ser extraído. Idealmente, com o fogo intelectual da análise e da interpretação, dados “brutos” tornam-se processados e refinados quando extraída sua essência. Eles podem então ser moldados em uma forma teórica que traga novo entendimento.

Este processo de análise processos de análise de dados qualitativos são permeados com o que o autor chama de “Indução” que consiste em “uma forma de raciocínio lógico em que observações individuais são construídas a fim de fazer afirmações mais gerais sobre um fenômeno” (KOZINETTS, 2014, p. 114).

Nesse sentido, construímos algumas interpretações de sentidos e raciocínios das observações, que no nosso caso são primariamente as interlocuções com as imagens individuais e coletivas, para desenvolver um pensamento mais amplo a respeito do fenômeno de comunicação por/com imagens.

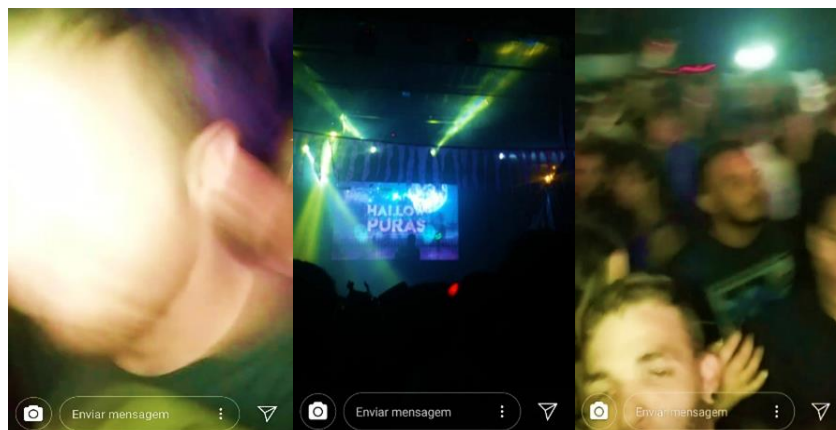


Figura 1: Deslocamentos de sentidos
Fonte: Print screen feito pelo autor (2018)

Ao nos depararmos com a Imagem 1, identificada como “Deslocamentos de sentidos”, nos questionamos, por que o colaborador a postou? quais os sentidos e narrativas existenciais que estas imagens estão a falar? Não visamos uma descrição da imagem, mas uma possível explicação de suas intenções e suas conexões com o fenômeno macro das relações dos sujeitos surdos nas redes sociais e na cotidianidade ali expostas, em uma busca por comunicar questões que transpassam as vivências individuais e coletivas dos sujeitos surdos.

O que esta imagem nos diz a respeito das posições culturais, identitárias, dos surdos na sociedade? Por que o surdo escolheu postar fotos e vídeos onde ele e amigos dançavam animadamente em uma festa que era embalada por músicas eletrônicas? As imagens não são “inocentes”, descompromissadas. Percebemos que muitas imagens postadas pelos surdos em suas redes sociais faziam referência a um circuito de significações que visavam construir narrativas alternativas que problematizam as narrativas predominantes que provocavam invisibilidades existenciais, engessamento e essencialidade das identidades.

Muitas das imagens postadas comunicavam ações de desconstrução de visualidades estigmáticas impostas sobre os surdos, e buscavam promover ações de valorização das subjetividades, potencialidades das singularidades dos indivíduos nas práticas cotidianas, construindo interlocuções com as visualidades clínicas e deficitárias compartilhadas ao longo de séculos que promoviam um silenciamento e

marginalização das comunidades surdas, que foram relegados a coitadinhos, doentes e necessitados de assistência.

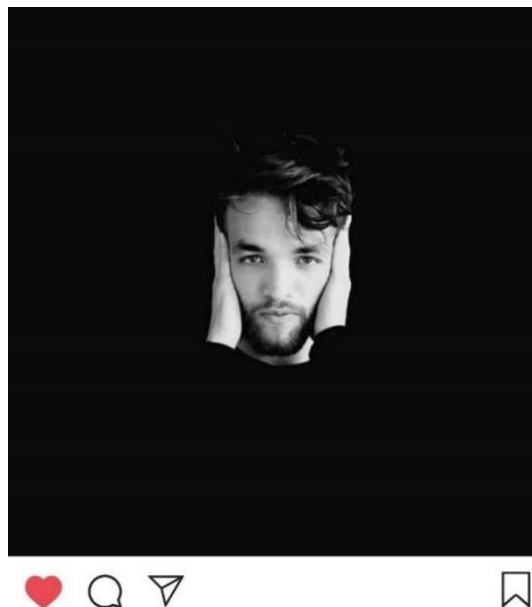


Imagem 2 - Intensidades
Fonte: Print Screen elaborado pelo autor (2018)

Repetidamente observamos postagens com esse teor subversivo. Os surdos além de se apropriarem e se utilizarem desse espaço alternativo de socialidade, que são as redes sociais, para construírem seus referenciais identitários coletivos e individuais, tecerem redes de sentidos e pertencimento étnicos, comunicarem-se com o mundo e suas diversas culturas, evidenciavam também as particularidades das lutas do povo surdo por meio de postagens políticas, narrativas que descortinam as relações dos surdos com o mundo, suas formas de ser e estar, para além de um olhar clínico, mas como uma forma identitária de experienciar a vida, por outros canais de comunicação que também são legítimos.

Como o registro da Imagem 2, intitulada como “Intensidades”, que evoca as intensidades do olhar de um surdo que encara o interactor com as mãos tapando os ouvidos, uma ação performática que externaliza de forma afirmativa que é surdo e que isso não é um sinônimo de fragilidade, coloca em jogo as tensões pela

descolonização do olhar sobre os corpos surdos, contestando e desconstruindo lógicas de um pensamento ouvintista.

Como se vê também na imagem 3, nomeada como “Ser surdo”, onde além da imagem fotográfica que reproduz a mesma ação performática e subversiva de posicionar-se ao interactor com as mãos nos ouvidos, também há apropriação das imagens textuais para chamar ao debate, fazer refletir e provoca deslocamentos, inquietações a respeito das visualidades que os corpos surdos tiveram de carregar por estarem do lado dos subalternos, colonizados por uma compreensão ouvintista que categoriza os ouvintes como “normais” e os surdos como deficientes anormais.



Imagem 3 - Ser surdo
Fonte: Print Screen elaborado pelo autor (2019)

As perspectivas dos Estudos Culturais corroboraram para que se pudesse realizar esse mergulho reflexivo e observacional nas movimentações desse grupo social subalternizado ao longo da história. O conceito de cultura aqui apropriado foi o compartilhado pelos teóricos desta área de estudo, pois estes entendem que “a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais” (SILVA, 2006, p.13), um local onde jogos de poder são travados pela significação social.



Imagem 4 - Indeterminado
Fonte: Print screen elaborado pelo autor (2018)

A partir do mergulho observacional netnográfico, fizemos costuras narrativas de interpretações dos sentidos produzidos a partir das imagens postadas nas redes sociais. Percebemos que no espaço virtual os surdos constroem novas possibilidades de experiências intensas, salientam subjetividades individuais e coletivas. Nutrem práticas políticas de reivindicação da singularidade surda, desaguando em embates pela emancipação surda das perspectivas dominantes e estigmatizantes.

Ao atinar para a apropriação das redes virtuais de interação pelos sujeitos surdos, buscou-se construir conversações com as polifonias e pegadas simbólicas que eclodiam nas imagens compartilhadas pelos colaboradores da pesquisa. Nesse novo campo de vivências, surdos e ouvintes, transitavam autonomamente, conferindo um ambiente de comunicabilidade ampliada, uma ponte para os abismos das línguas.

Nesse sentido, diante das barreiras naturais das línguas, no caso dos sujeitos surdos percebe-se que há outra dimensão desta dificuldade, pois a comunicação fica embarreirada com qualquer outra língua oral-auditiva, por ser a Língua de Sinais,

uma estrutura de outra dimensão sensível, apropriada por outro canal, o visual. Foi diante desta percepção que buscamos explorar a potência da apropriação de imagens nas comunicações e interações surdas.



Imagem 5 - Narrativas existenciais
Fonte: Print screen elaborado pelo autor (2018)

Buscando possibilidades de embrenhar nas suas narrativas existenciais, nos seus trânsitos comunicativos, pensamos a partir das imagens, compreendidas como “poços de humanidade” (SAMAIN, 2012). Dialogamos com as diversas vozes das imagens compreendo-as como fenômenos sociais, posto que elas “articulam e se oferecem como encontros flexíveis de mediação e comunicação” (MARQUES, 2017, p. 98), possibilitando e evidenciando com isso realidades dos sujeitos.

Compreendemos e interpretamos as imagens como seres pensantes que falam, insinuam, apresentam, descortinam humanidades, realidades sociais, subjetividades. Elas permitem adentrar em múltiplas camadas de sentidos das narrativas existenciais que nem sempre é possível pela linguagem escrita, e instigam outras reflexões, sensações, interpretações.

Como recorda Samain (2012, p. 14), as imagens são “portadoras de pensamentos e como tal nos fazem pensar”. Ainda segundo este autor, provoca-se a compreensão de que “as imagens pertencem à ordem das coisas vivas, ao mesmo título que os problemas de beleza, os caranguejos do mar, as orquídeas e os seres humanos” (SAMAIN, 2012 p.157).

Norteados por esse prisma epistemológico nos posicionamos como observadores das imagens, nos comunicamos com esses seres vivos, imagens fenômenos que nos ajudaram a tentar compreender as subjetivas tramas de vida, narrativas coletivas e individuais dos sujeitos surdos que socializavam nas redes virtuais.

Se admitirmos, deste modo, que toda imagem pertence à grande família dos fenômenos, não poderemos mais equiparar uma imagem a uma bola de sinuca ou a um prego que a tábua engole quando, nela, o martelo bate. Sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante. (SAMAIN, 2012, p. 158)

Concordando com Samain, diante desses processos vivos, pudemos notar as transitoriedades dos corpos, das identidades, dos sentidos, desejos e alteridades construídas pelos interlocutores que além de produzirem imagens provocam um pensamento acerca da cultura surda. Qualificam suas existências em eclosões imagéticas carregadas de significações nos complexos e contínuos fluxos existenciais, contrapondo imagens que os colocavam na posição subalternidade.

Desconstruir essas visualidades, os colaboradores da pesquisa apresentaram-se, a partir das imagens compartilhadas, como seres em construção, vivos, inventores de suas próprias identidades e sentidos de vida, que desejam, sonham, provocam reflexões, problematizam os estereótipos imputados, reivindicam seus espaços e direitos, participantes ativos dos jogos de poder social.

Os surdos são participantes de uma lógica cultural singular, sujeitos que acessam o mundo por outros canais sensíveis, não como limitados, mas pulsantes, intensos, autônomos na produção de suas narrativas vivenciadas, construtores de saberes, participantes de múltiplas redes de sentidos existenciais, movimenta-se por diversas posições, identidades, num emaranhado de teias de significações que dão sentido à vida. Skliar citado por Strobel (2015), relembra que:

Foram mais de cem anos de práticas engeguecidas pela tentativa de correção, normalização e pela violência institucional; instituições especiais que foram reguladas tanto pela caridade e pela beneficência, quanto pela cultura social vigente que requeria uma capacidade para controlar, separar e negar a existência da

comunidade surda, da língua de sinais, das identidades surdas e das experiências visuais que determinam o conjunto de diferenças dos surdos em relação a qualquer outro grupo de sujeitos. (SKLIAR APUD STROBEL, 2015, p. 90)

Nesse sentido, percebe-se que os surdos vêm enfrentando o desafio de desconstruir práticas de correção, normalização, provocadas pelas perspectivas das narrativas colonizadoras ouvintistas, segregações, invisibilização, opressões que os marcaram historicamente e que os perseguem ainda hoje.

Apesar dos avanços políticos ainda há um longo caminho de lutas pela desconstrução de visualidades estigmáticas, lógicas dominantes construídas e sustentadas por uma concepção patológica que os imputa a marca de deficientes.



Imagem 6 – Alteridades
Fonte: Print Screen elaborado pelo autor (2018)

Esta proposição emancipatória dos subalternos é fomentada nos escritos de Santos (2010), que nos instiga ao reconhecimento da diversidade epistemológica de saberes do mundo, o que ele chama de “A ecologia de saberes”.

A partir desse conceito alinhamos as reflexões e análises da investigação com o autor Santos (2010) quando denuncia a compreensão de uma epistemologia homogênea, neutra, hierárquica, e avigora a pluralidades de formas, texturas, cores, ritmos, vibrações de multiformes práticas e saberes intersubjetivos produzidos de forma heterogênea pelos povos e culturas excluídas das narrativas oficiais, subjugadas, marginalizadas, silenciadas por um pensamento abissal de soberania epistêmica colonialista.

Negar as realidades culturais, narrativas, saberes autônomos de um povo que não se enquadra ao grupo predominante é imputá-los à marginalização social. Boaventura de Sousa Santos (2007), chama esse processo de “epistemicídio”, a morte do conhecimento dos povos dominados por uma ação concreta e cognitiva colonialista, capitalista, patriarcal, e neste caso, ouvintista (o ouvinte estando no centro, o modelo de normalidade humana, aquele que é único capaz de produzir conhecimentos).

Embebidos das provocações das Epistemologias do Sul, buscamos observar e nos envolver com os colaboradores da pesquisa e com o campo, a partir da possibilidade de interlocução com imagens, compreendendo que esta tem uma contribuição muito grande na construção de saberes, não apenas por suas funcionalidades figurativas, como suportes para a escrita, mas como potentes fontes para acessar realidades, usos de valor, trânsitos de socialidades. Esse entendimento é orientado por La Rocca (2014), que diz:

[...] a imagem é considerada como raiz de uma sensibilidade que caracteriza o domínio da sociologia visual e do imaginário, visando uma compreensão em profundidade das dimensões sociais do mundo através das extensões técnicas dos aparelhos de foto e vídeo. (p. 283)

Foi por intermédio da extensão técnica do aparelho celular que encontramos caminhos e janelas para adentrar e observar curiosamente as dimensões sociais da cultura surda, manifestas a partir das imagens e visualidades que possibilitaram aproximações com as diversidades de conhecimentos, experiências, narrativas, saberes surdos e suas subjetividades.



Edinho Poesia 16 de outubro às 00:50 · 🌐

Sou surdo
Ninguém vai curar a língua sinais
Tenho identidade
Souuuu surdoooo

👍 1

Curtir

Comentar

Compartilhar

Imagem 7 – Enfrentamento
Fonte: Print screen elaborado pelo autor (2008)

Compreendemos nesta investigação que as imagens são participantes ativas das relações sociais, diante dos trânsitos virtuais dos colaboradores pudemos ver que as imagens, de forma polifônica, ampliavam as suas ações comunicacionais, possibilitando uma maior inserção e participação destes na sociedade, potencializando ações de emancipação subjetiva/coletiva de uma lógica estigmatizante que tenta imputar ao surdo um silenciamento histórico, engessamento de suas possibilidades de existência, de suas identidades, seus trânsitos vivenciais.

A tentativa durante todo o processo de pesquisa, portanto, foi perceber as questões que permeiam as indeterminações, aberturas, fragmentações de corpos que se moldam, se inventam no contato com o mundo por meio de múltiplas experiências visuais, de imagens fugazes que são projetadas nas redes sociais que abrem frestas por onde se podem observar processos de invenção do ser, e atuam como “um instrumento de captação e de restituição do teatro da vida cotidiana” (LA ROCCA, 2014, p. 116).

As linhas fronteiriças são transpassadas, os supostos guetos de socialidades passam a ser superados pelos trânsitos das imagens. Uma vez que tanto surdos como ouvintes estão fascinados, seduzidos pelas imagens que transpassam suas ações cotidianas, suas experiências com o mundo, e por meio delas constroem narrativas de si mesmos e dos outros.

Estas e tantas outras imagens que não foram aqui compartilhadas neste escrito por questão de espaço, sugerem que os ambientes virtuais com as suas possibilidades infinitas de produção e circulação de imagens, não são meramente funcionais, mas são apropriados pelos corpos surdos como campos alternativos para os movimentos e as lutas pela desconstrução de estigmas e o status social.

Os seres humanos e suas estruturas de comunicação culturais visuais, são profundamente complexos, este trabalho não poderia dar conta de refletir sua totalidade. Desejamos continuar mergulhando nas profundidades e transbordamentos das intensidades dos corpos surdos, suas indeterminações identitárias, observando o constructo de suas narrativas existenciais, contrapontos das internalidades que são forjadas a partir de trânsitos simbólicos, acentuando suas singularidades, subjetividades.

Referências

BATAGLIN, Mayara. **Experiência visual e arte: elementos constituidores de subjetividades surdas**. IX ANPED SUL – Seminário de Pesquisa em Educação da região sul, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/91/757>>. Acesso em: 12/04/2016.

CAMPOS, Ronaldo Manassés Rodrigues. Ecos do silêncio: culturas e trajetórias de surdos em Macapá. 2016. 248f. - Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2016.

KOZINETTS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. tradução: Daniel Bueno; – Porto Alegre: Penso, 2014.

LA ROCCA, Fábio. A reprodutibilidade tecnológica da imagem. Tessituras, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 114-128, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/tessituras/article/view/4857/3920>>. Acesso em: 26 de janeiro de 2019.

MARQUES. Silvia Carla Costa. Imagem Fenômeno e diálogo **Visual: conexões de pesquisa**. Visagem, v. 3, n. 1, p. 85-109, 2017. Disponível em: <http://www.ppgcs.ufpa.br/revistavisagem/edicao_v3_n1/artigos/4_imagem_fenome_e_dialogo/>. Acesso em 12/01/2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos Estudos, 2007

SANTOS, Boaventura de S.; MENEZES Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Tradução e organização revisada por Margarida Gomes. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

SAMAIN. E. **As imagens não são bolas de sinuca: como pensam as imagens?** In: SAMAIN E. (org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Ed. Unicamp, 2012.

_____. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. Visualidades, Goiânia, n.1, v.10, jan-jun. 2012. Disponível em: <www.revistas.ufg.br>. Acesso em: 20/01/2019.

SILVA, Cristina Maria da. **Rastros das socialidades: Conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffato**. (Doutorado em Ciências Sociais) Programa de Pós – Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009, 308.

SILVA, Tomaz. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autentica, 2006.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2015.

ⁱ Doutora em Sociologia. Mestre em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais - FAV-UFPA. Especialista em arte Educação em Instituições Culturais. Professora das disciplinas na área de Ensino em arte da Universidade Federal do Amapá.

ⁱⁱ Professor graduado em Artes Visuais - UNIFAP, Especialista em Estudos Culturais e Políticas Públicas - UNIFAP, Bacharel em Teologia – UNIGRAN.

ⁱⁱⁱ Apropriei-me do conceito de socialidades neste estudo, por perceber que este apresenta maior alargamento dos caminhos para se chegar às dimensões em que os atores sociais constroem subjetividades, onde forjam identidades. Pois “As socialidades seriam uma maneira de imaginar a existência numa “conjugação de sensibilidades”, na multiplicação das redes e grupos sociais que se constituem. Olhar para esta perspectiva é se concentrar nas experiências singulares.” (SILVA, C. 2009, p. 47)

^{iv} A expressão “sujeitos da experiência visual” descreve sujeitos que na área de minha formação, a Educação Especial, foram e são tratados como deficientes: os surdos. Esses sujeitos são discursivamente constituídos através de instâncias culturais da contemporaneidade, que são mais do que simples expressões culturais, são artefatos que circulam nas culturas, que vão ensinando esses sujeitos e subjetivando-os (BATAGLIN, 2012, p. 01).

^v A imagem da janela como portal de acesso às subjetividades dos sujeitos é abordada por La Rocca (2011, p. 52) que compreende a janela como “um símbolo de mediação entre indivíduos e o espaço, colocando-o

como espectador da cena urbana; uma espécie de espelho no qual se refletem as existências quotidianas e os diversos signos que acompanham os nossos percursos”.